



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS**

**FERNANDA SILVA**

**REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA NA MÚSICA BRASILEIRA:  
UMA ABORDAGEM SEMÂNTICO-DISCURSIVA**

**CAMPINA GRANDE - PB  
2016**

**FERNANDA SILVA**

**REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA NA MÚSICA BRASILEIRA:  
UMA ABORDAGEM SEMÂNTICO-DISCURSIVA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção de título de Licenciatura Plena em Letras, habilitação em Língua Portuguesa, pelo Departamento de Letras e Artes, do Centro de Educação, da Universidade Estadual da Paraíba.

Orientador: Prof. Dr. Linduarte Pereira Rodrigues.

**CAMPINA GRANDE – PB  
2016**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

S586r Silva, Fernanda  
Representação da mulher negra na música brasileira  
[manuscrito] : uma abordagem semântico-discursiva / Fernanda  
Silva. - 2016.  
46 p.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.  
"Orientação: Prof. Dr. Linduarte Pereira Rodrigues,  
Departamento de Letras e Artes".

1. Análise do Discurso 2. Mulher Negra 3. Música  
Brasileira 4. Semântica I. Título.

21. ed. CDD 401.41

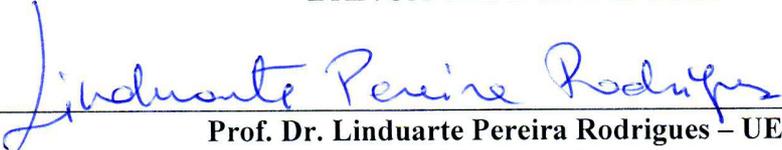
**FERNANDA SILVA**

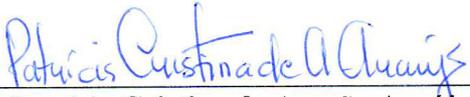
**REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA NA MÚSICA BRASILEIRA:  
UMA ABORDAGEM SEMÂNTICO-DISCURSIVA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção de título de Licenciatura Plena em Letras, habilitação em Língua Portuguesa, pelo Departamento de Letras e Artes, do Centro de Educação, da Universidade Estadual da Paraíba.

Aprovado em: 01 de 07 de 2016.

**BANCA EXAMINADORA**

  
\_\_\_\_\_  
**Prof. Dr. Linduarte Pereira Rodrigues – UEPB**  
(Orientador) Nota: 10,0

  
\_\_\_\_\_  
**Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão Araújo – UEPB**  
(Examinadora) Nota: 10,0

  
\_\_\_\_\_  
**Profa. Ma. Rosely de Oliveira Macário – UERJ**  
(Examinadora) Nota: 10,0

Média: 10,0

**CAMPINA GRANDE – PB  
2016**

*Dedico este trabalho,*

*À minha mãe, Maria das Graças Silva (in memoriam), negra, semianalfabeta, empregada doméstica. Mulher guerreira, de muita honra, coragem e fibra; que me ensinou que sempre é possível escolher o caminho do bem, que podemos mudar a realidade, ou mesmo amenizar o peso da vida, se não desistirmos de quem somos e se nos dedicarmos a melhorar;*

*À minha família e ao professor Linduarte Pereira Rodrigues.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, pela sua misericórdia em minha vida, por me dar força e discernimento para seguir em frente.

À minha família: meu filho, Ayrton Lucas Silva, que me ensinou a ter responsabilidade e compromisso; meu irmão, Evando Silva Fernandes Neves, por sua perseverança que me impulsiona sempre a melhorar. E ao meu companheiro, namorado e amigo, Alisson Santos Costa, pela compreensão, apoio incondicional e por me manter sempre com os pés no chão.

Ao professor Linduarte Pereira Rodrigues, por me orientar e por me conduzir a não desviar do caminho que tanto suei para percorrer. A não desistir da graduação, por mais dificuldades que encontrasse em meu caminho.

Aos meus colegas, pela troca de conhecimentos e ajuda mútua.

Aos professores do curso de Letras da UEPB, que contribuíram grandiosamente em meus estudos.

À coordenação do curso e a todas as secretárias, pela acessibilidade e atendimento.

Aos professores examinadores, pela disponibilidade e colaboração.

E a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a concretização deste trabalho.

“E o feijão que te alimenta tem cor preta.  
Quando falta em tua mesa, a alegria se desfaz.  
A cor da pele, por ser preta, não diz nada.  
Examina no teu ego, e a resposta satisfaz.  
O preconceito não tem valor.”

**(Dominginhos e Anastácia)**

## RESUMO

Os discursos que integram as relações sociais são materializados de diferentes formas e, através da linguagem, veiculam aspectos históricos, sociais, ideológicos e comportamentais dos sujeitos; impregnando suas crenças e atitudes, bem como determinando sua identidade. Nesse sentido, compreendendo a música como uma das formas de manifestação da linguagem, entende-se que ela também é responsável pela consubstanciação de discursos, de modo que reproduz ideologias de diversas linhagens. Examinando a história da mulher negra no Brasil, é nítido observar resquícios de exclusão e desvalorização, pois desde o período escravocrata ela tem sido vítima de um discurso discriminatório, sendo quase sempre associada ao serviço doméstico e à sexualidade. Partindo de tais pressupostos, este trabalho objetiva analisar a representatividade da mulher negra nas letras de algumas músicas brasileiras, buscando evidenciar as relações/formações discursivas que se revelam no plano do conteúdo musical, por um viés semântico e discursivo. Para tanto, parte de um estudo exploratório e bibliográfico, inserindo-se no rol das pesquisas de cunho qualitativo. Fundamenta-se nos estudos semânticos (GOMES, 2003; TAMBA, 2006; FIORIN, 2005), na Análise do Discurso de linha francesa (AD) (ORLANDI, 1999; FERNANDES, 2008), nos estudos de gênero e identidade (SAFIOTTI, 1976; HALL, 2006), dentre outros. Com base nos resultados, constata que a música tem a capacidade de transitar por diferentes contextos sócio-históricos e culturais, veiculando as ideologias de uma sociedade ou de um grupo social, a exemplo da etnia negra.

**Palavras-chave:** Mulher Negra. Música brasileira. Análise do Discurso. Estudos semânticos.

## ABSTRACT

**Abstract:** The speeches that integrate social relations are materialized in different ways and through language, convey historical, social, ideological and behavioral subjects; impregnating their beliefs and attitudes, as well as determining their identity. In this sense, understanding music as a form of manifestation of language, it is understood that it is also responsible for the substantiation of speeches, so that plays ideologies of various lineages. Examining the history of black women in Brazil is clearly observed remnants of exclusion and devaluation as from the slavery period she has been the victim of a discriminatory discourse is almost always associated with housework and sexuality. Starting from these assumptions, this work aims to analyze the representativity of black women in the lyrics of some Brazilian music, to disclosing relations / discursive formations that reveal the plan of musical content for a semantic and discursive bias. Therefore, part of an exploratory and bibliographical study, by inserting in the list of qualitative nature of research. It is based on semantic studies (GOMES, 2003; TAMBA, 2006; FIORIN, 2005), the French Discourse Analysis (DA) (ORLANDI, 1999; FERNANDES, 2008); in gender studies (SAFIOTTI, 1976; HALL, 2006); among other aspects. Based on the results, we found that music has the ability to move in different socio-cultural and historical contexts, thus sending the ideologies of a society or a social group, such as the black woman.

**Keywords:** Black Women. Brazilian music. Speech analysis. semantic studies.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
------------------------	-----------

### CAPÍTULO I

<b>1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>14</b>
1.1 ESTUDOS SEMÂNTICOS.....	14
<b>1.1.1 Semântica formal.....</b>	<b>15</b>
<b>1.1.2 Semântica cognitiva.....</b>	<b>17</b>
1.2 ANÁLISE DO DISCURSO.....	19
<b>1.2.1 Formação discursiva, memória e ideologia.....</b>	<b>20</b>
<b>1.2.2 Identidade, gênero e sexualidade.....</b>	<b>22</b>

### CAPÍTULO II

<b>2 ACERCA DO <i>CORPUS</i>.....</b>	<b>26</b>
<b>2.1 MÚSICA E SUA DISCURSIVIDADE.....</b>	<b>26</b>
<b>2.2 MULHER NEGRA: BREVE CONTEXTO HISTÓRICO.....</b>	<b>28</b>

### CAPÍTULO III

<b>3 ANÁLISE DOS DADOS.....</b>	<b>32</b>
<b>3.1 REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA EM MÚSICAS BRASILEIRAS.....</b>	<b>32</b>
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>42</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>44</b>

## INTRODUÇÃO

Considera-se a música como um instrumento de interatividade, a partir do qual o lúdico se transforma em melodia e ganha voz por meio de arranjos distintos, bem como de seus intérpretes. Por ser dotada de expressividade, é capaz de envolver emocionalmente os sujeitos, despertando-lhes sentimentos diversos. Por esse motivo, entende-se que a música influencia as relações sociais, sendo, portanto, uma forma de representação sociocultural de uma sociedade, no sentido em que caracteriza e determina grupos sociais.

As relações discursivas presentes nas letras das músicas carregam consigo múltiplas significações, de modo que conseguimos perceber as posições discursivas, ideológicas e sociais das diversas classes. Diante disso, ressalta-se que analisar um texto requer a percepção dos aspectos contextuais (históricos, sociais, culturais e ideológicos) que o envolve. É o que acontece quando nos voltamos para o papel da mulher na sociedade e, mais especificamente, para a maneira como a mulher negra é veiculada no âmbito musical. Nessa perspectiva de compreensão histórica, revelam-se os valores e padrões femininos (estéticos e identitários) impostos por grupos sociais específicos e constroem-se estereótipos do ser mulher na sociedade. Inferimos que a música é constituinte do sujeito e que as letras são determinadas por ideologias, sendo ainda uma possibilidade de o sujeito emergir suas alegrias, tristezas, sonhos; como também utilizar-se dela para homenagear e/ou denunciar.

É com base nessa perspectiva que tomamos a música como objeto de investigação, tendo em vista desvendar os discursos que estão por trás dos propósitos do entretenimento. Para tanto, partimos do seguinte questionamento: De que forma a mulher negra é representada no cenário musical brasileiro, tendo em vista o viés histórico e ideológico de sua trajetória?

De modo geral, o objetivo deste estudo foi analisar a representatividade da mulher negra nas letras de algumas músicas brasileiras, buscando evidenciar as relações/formações discursivas que se revelam no plano do conteúdo musical, por um viés semântico e discursivo. Buscamos discutir como ela é vista e caracterizada nas relações sociais, enquanto sujeito discursivo real e ativo. Do ponto de vista das especificidades, pretendeu-se: i. Compreender a música enquanto forma de veiculação das ideologias de uma sociedade; ii. Perceber as relações sócio-históricas e culturais que se estabelecem nas letras das músicas analisadas; iii. Verificar semântico-

discursivamente como a mulher negra é tratada em tais músicas, no que se refere à estética e identidade, submissão/dominação e estereotipação.

Escolhemos trabalhar sob a ótica teórica que compõe os estudos semânticos, a Análise do Discurso de linha francesa (AD) e as discussões em torno da identidade de gênero. Impulsionados pelas leituras efetuadas em Bakhtin/Voloshinov (2004), Fiorin (2005), Orlandi (1999), Fernandes (2008), Safiotti (2004), Hall (2006), dentre outros autores; apontamos algumas reflexões acerca das seguintes composições musicais: “Mulheres Negras”, interpretada por Izalú; “Marias”, de Karol Conká; “Nega Manhosa”, de Herivelton Martins; e “Escurinha”, de Geraldo Pereira. Buscamos, com isso, evidenciar a materialização discursiva pelo viés comparativo dos aspectos históricos, sociais e ideológicos que relacionam a figura da mulher negra, tratando a interdiscursividade delineada por Fernandes (2008), que norteia para uma interação social entre sujeitos; conduzindo-se para o conhecimento das práticas discursivas que sustenta a formação comunicativa dos sujeitos. E destacando qual o papel contemporâneo desta mulher negra no contexto social real. Ressalte-se que as músicas escolhidas resultaram de um levantamento de aproximadamente 30 composições que retratam a imagética da mulher negra.

As vertentes metodológicas, a partir das quais embasamos o nosso trabalho, condizem com as seguintes pesquisas: exploratória, uma vez que buscamos compreender a totalidade do fenômeno discursivo presente no *corpus* analisado; bibliográfica, pelo fato de que realizamos consultas em materiais que dialogassem com a temática, categorias de análise e objetivos propostos; como também qualitativa, no sentido em que evidenciamos as formações discursivas nas músicas analisadas.

No que se refere à estrutura, dividimos nosso trabalho em capítulos. Em primeiro lugar, discutimos acerca dos estudos semânticos, com destaque na semântica formal e cognitiva. Na sequência, discorremos sobre a Análise do Discurso (AD) de linha francesa, refletindo sobre o papel da memória e da ideologia nas formações discursivas; bem como sobre a relação entre identidade, gênero e sexualidade. Em seguida, tendo em vista a contextualização do *corpus*, apresentamos o caráter discursivo da música e os aspectos históricos da mulher negra no Brasil. Por fim, apresentamos a análise do *corpus*, com base no referencial teórico estudado; seguido das considerações finais e as referências que alicerçaram a construção de nosso trabalho.

## CAPÍTULO I

### 1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

#### 1.1 ESTUDOS SEMÂNTICOS

De acordo com Tamba (2006), os estudos semânticos surgiram por volta de 1883, período em que o termo Semântica foi citado por Michel Bréal, em seu artigo “As leis intelectuais da linguagem: fragmento de semântica”. Contudo, o reconhecimento da semântica enquanto ciência dos significados se dá em 1987, quando Bréal firma o termo na obra *Essai de Semantique*, acreditando que mesmo em relações autônomas as significações linguísticas estabelecem sentido, desde que analisada sob uma ótica evolutiva. Nesta perspectiva, em que a língua está em constante evolução, sabemos que os sentidos vão sendo constituídos, associados ao contexto de uso e de uma forma empírica. Assim, a semântica nos permite instituir, através de leis já estabelecidas, os significados do enunciado; os quais não são estabelecidos de forma arbitrária, “as palavras forma e sentido levam a existência que lhes é própria” (TAMBA, 2006, p. 08). No entanto, por buscar firmar o sentido do que dizemos, a semântica não apresenta homogeneidade, distinção e unicidade.

Conforme os apontamentos de Oliveira (2001, p. 18), “o significado é um termo que se compõe de duas partes: o sentido e a referência”. Portanto, os estudos semânticos não apresentam concordância quanto ao objeto e método de análise, uma vez que não se estabelece relação de uniformidade entre significado e significação. A semântica como se definiu “estudo das significações”, será delineada pelo seu viés de observação e desta forma se firmará sobre uma ou outra semântica. Gomes (2003) esclarece que a semântica não se destaca como um paradigma estrutural, conceitual e consensual de pesquisa, mas direciona olhar sobre um sistema de identificação estruturado e específico de observação que se qualificará entre: estrutural, formal, cognitiva e argumentativa. Segundo Fiorin (2005, p. 138), nos estudos da semântica devemos:

[...] investigar a relação entre expressões linguísticas e representações mentais [...], investigar a relação que existe entre expressões linguísticas, ideologia e cultura [...], investigar a rede de relações que uma expressão estabelece com outras expressões da mesma língua, e assim por diante.

Dessa maneira, retomamos a ideia de analisar a expressão pelo viés empírico, tomando como ponto de partida a análise social e contexto de uso. Bakhtin/Voloshinov (2004, p. 132) traz para aos estudos semânticos a afirmação de que toda enunciação tem uma significação, o tema é o sentido da enunciação e, por isso, traz o contexto histórico-social no qual o enunciado se originou. Desta forma, podemos entender o enunciado como o acontecimento que estabelecerá a significação, que por sua vez, concluirá a relação de reconhecimento do tema exposto. É a partir desta ideia de enunciação e significado, que abordamos a semântica em nossos estudos, em sua perspectiva formal e cognitiva.

### 1.1.1 Semântica formal

A semântica formal nos conduzirá a uma verdade comum sobre o sentido de um discurso, bem como sua relação com a veracidade de uma sentença possível e previamente referenciada no mundo, ou seja, uma sentença que obtenha um sentido com a língua em uso. E pelo fato de que esse tipo de semântica busca evidenciar os significados enunciados pela língua natural e delimitar suas codificações através da estrutura sintática, consideremos que “uma das várias possibilidades de investigação do significado, concentra-se no estudo das relações que existe entre as expressões linguísticas e o mundo” (FIORIN, 2005, p. 139). Desse modo, a semântica formal deverá ser pautada na referencialidade. Como esclarece Oliveira (2001, p. 22):

O sentido só nos permite conhecer algo se a ele corresponder uma referência. Em outros termos, o sentido permite formular um juízo de valor, isto é, que nos permite avaliar se o que dizemos é falso ou é verdadeiro. A verdade não está, pois, na linguagem, mas nos fatos do mundo. A linguagem é apenas um instrumento que nos permite alcançar aquilo que há, a verdade ou a falsidade.

Assim, sabemos que “se não conhecemos as condições as quais a sentença é verdadeira, não conhecemos seu significado” (MULLER; VIOTTI, 2008, p. 139). Precisamos entender que as condições são válidas e plausíveis para que a sentença se estabeleça em uma verdade, de modo que possamos aferir quais são as condições de verdade desta sentença e em que itens lexicais se constituem, pois a sentença total dependerá do significado destes itens.

A noção de referencialidade, segundo Fiorin (2005, p. 142), “deve ser entendida de uma maneira mais ampla do que falar sobre indivíduos concretos do mundo real”. A semântica formal

se apropriará das sentenças de um modo amplo; o que dizemos ter caráter de verdade, significa que tudo que seja real ou lendário, imaginativo ou concreto será entendido em seu meio de expressão. Com isso, o autor nos mostra que devemos ter um olhar específico também para o sentido da sentença, uma vez que o sentido traz significado e referência.

Fiorin (2005, p. 144) esclarece que

A referência de uma expressão é a entidade (ou entidades), o objeto ou o indivíduo que ele aponta no mundo. No caso de uma sentença, sua referência é seu valor de verdade. Já o sentido de uma expressão é o modo como apresentamos esse objeto, o caminho pelo qual chegamos a ele.

Entendendo que há diferença entre referência e sentido, sabemos que teremos que nos direcionar e buscar evidenciar, não apenas a referência, como também trazer ao contexto o sentido (ou sentidos) da expressão, de forma a entender que toda interação verbal é construída pelo dito e o não dito, ou seja, pelo que está apresentado em sentenças e pelo que não está explícito, mas que é significativo para estabelecer sentido na interação, os chamados implícitos. Nesse sentido, veremos os conceitos de pressuposição e subentendido.

A pressuposição encontra-se exposta no texto, dizemos que há uma marca verbal que a caracterize na sentença, permitindo de forma clara a interpretação do indivíduo, isto é, pressupõe uma interação comum entre falante e ouvinte. Os pressupostos aqui definidos são marcados discursivamente, expressos por uma palavra no discurso e, conforme Ducrot (1987 *apud* OLIVEIRA, 2001, p. 33), “[...] pertence antes de tudo a frase: ele é transmitido da frase ao enunciado na medida que deixa entender que estão satisfeitas as condições de emprego da frase da qual ele é a realização”. Reafirmando que o pressuposto está posto no texto.

O subentendido, por sua vez, diz respeito ao caráter interpretativo da sentença, “à maneira pela qual esse sentido deve ser decifrado pelo destinatário” (DUCROT, 1987 *apud* OLIVEIRA, p. 41). Ou seja, não será explícito no texto por nenhuma expressão linguística. O subentendido é o não dito e o sentido ocorrerá pela similaridade da referência de mundo entre os interlocutores, pela equivalência de intenção e reação e pela análise do contexto. Todavia, neste sentido pode não haver similaridade e ter a negação do sentido pelo interlocutor. Sendo assim, não se valerá de sentido e o subentendido não provocará nenhuma ação discursiva. Por não ser marcado verbalmente, ele acontece ou não na ordem do retórico e poderá não ter ocorrência para o interlocutor.

### 1.1.2 Semântica cognitiva

Inicialmente apresentada por George Lakoff e Mark Johnson, a semântica cognitiva tem seus primeiros estudos apresentados em 1980. Conforme cita Gomes (2003, p. 86), Lakoff “preocupa-se com o modo como são apreendidas as experiências humanas e com o seu sistema conceitual. Em sua semântica, o teórico pretende explicar o modo como a razão atua sobre a realidade para dela extrair significado”. Assim, a semântica cognitiva traz a possibilidade de analisar o sentido pelo viés do significado, sendo este o centro das investigações sobre a linguagem. Como nos apresenta Oliveira (2001, p. 34), “a forma deriva da significação, por que é a partir da construção de significados que aprendemos inclusive à lógica e a linguagem”.

A semântica cognitiva apresenta um caráter funcionalista no cerne de suas intenções de verificação e determinação de sentidos, para a semântica cognitiva a compreensão de um ato depende do entendimento de suas partes, em detrimento de sua significação, instituindo, conforme Gomes (2003, p. 79), que o

Conhecimento das propriedades gramaticais de uma língua natural mais o conhecimento das informações fornecidas pelo dicionário acerca da representação semântica dos morfemas serviria de base para determinar o significado de uma sentença qualquer.

Desse modo, a semântica cognitiva instaura significação a partir da ideia, do conhecimento, do contexto em que cada indivíduo está inserido e não da relação de interação comunicativa exercida por este. A semântica cognitiva defende que o significado por ela instaurado não se estabelece na relação entre linguagem e mundo, mas é motivado pelo sujeito. “Lakoff define sua abordagem como realismo experimentalista e afasta sua proposta do relativismo” (OLIVEIRA, 2001, p. 34); logo, é o significado determinado pela cognição que é natural e passível de experimentação, sendo, desta forma, fruto de nossas interações; ele não é arbitrário.

Segundo Oliveira (2001), Lakoff afirma que a razão atua diretamente em nossa realidade, de modo a constituir significados, apresentando a teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados (MCI), a qual parte do princípio de que nossas ações no mundo é que nos possibilitam “apreender os esquemas imagéticos espaciais e são esses esquemas que dão significado às nossas expressões

linguísticas” (OLIVEIRA, 2001, p. 34). Ainda segundo essa autora, Lakoff traz a ideia que desde quando não sabíamos falar, já relacionávamos e estruturávamos um esquema imagético e, por conseguinte, este não era proposicional. Corroborando com as perspectivas de Lakoff, Oliveira (2001, p. 35) aponta que “o significado é uma questão da cognição em geral, e não um fenômeno puro e prioritariamente linguístico”. Entretanto, a abordagem semântica do ponto de vista cognitivo não aborda apenas o caráter imagético, é o caso da metáfora e da metonímia. A metáfora é pautada no domínio entre a experiência e outro domínio a ser definido pelo sujeito, a qual apresenta um modo imaginativo de falar. “A metáfora, para Semântica Cognitiva, é um processo cognitivo que permite mapearmos esquemas, aprendidos diretamente pelo nosso corpo, em domínios mais abstratos, cuja experimentação é indireta” (OLIVEIRA, 2001, p. 36).

Quanto à metonímia, ela direciona o significado através de categorias apreendidas, desde o nível básico até competências mais específicas. Para semântica cognitiva, a metonímia antes de ser apenas uma figura de linguagem “é um processo cognitivo que permite criar relações de hierarquias entre conceitos” (OLIVEIRA, 2001, p. 40). Portanto, a metáfora se caracteriza como processo pelo qual se estende os esquemas imagéticos, já a metonímia estende as categorias. Diante disso, Gomes (2003, p. 90) discorre:

É através da categorização que a experiência se faz significativa para o ser humano. A essa posição Lakoff passou a chamar de Linguística Experiencial e parte do princípio de que ‘...uma teoria da linguagem deve ajustar-se a uma teoria geral da cognição, desenvolvimento humano e interação social’ (LAKOFF, 1982, p. 145). A noção de experiência é fundamental uma vez que Lakoff a entende como ‘a totalidade da experiência humana’. A experiência nessa perspectiva refere-se à natureza e experiência das espécies e comunidades.

Com base nesse pensamento, entendemos que à medida que o indivíduo vai obtendo contato com tipos de categorias, suas atividades de interação irão se estabelecendo, tornando-as mais reveladoras. Desse modo, o sujeito criará relações hierárquicas entre os conceitos que permitirão uma compreensão ativa dos processos de significação.

Também é relevante tratarmos da abordagem cognitiva das pressuposições. Segundo Oliveira (2001, p. 41), é “na interpretação que formamos espaços mentais, estruturas conceituais que descrevem como os falantes atribuem e manipulam a referência”. A este conceito inferimos que a significação não está na linguagem e sim no entendimento, na interpretação que se estabelece no corpo físico e no espaço mental em que esta linguagem ocorre.

## 1.2 ANÁLISE DO DISCURSO

A princípio, quando pensamos numa definição para o termo Discurso, imaginamos se tratar de um texto de apresentação e/ou conjuntos de ideias organizadas e fundamentadas. Em acréscimo, podemos dizer que a noção de discurso relaciona-se ao espaço interativo, ou seja, ao contexto de uso que permite ao texto se firmar em um discurso a partir dos atos sociais, aspectos históricos, sociais e ideológicos. Foucault (1987, p. 135) esclarece: “chamaremos de discurso um conjunto de enunciados que se apoiem na mesma formação discursiva”. Esta formação discursiva a que o filósofo francês se refere, caracteriza-se através das condições de produção do texto, considerando-se o seu espaço de criação e o contexto histórico.

De acordo com Orlandi (1999), a palavra discurso tem diferentes significados. Para a ciência da linguagem, conceitua-se como toda atividade de comunicação/interação entre interlocutores; pois “ao produzir linguagem os falantes produzem discurso” (FERNANDES, 2005, p. 19). E para que este discurso tenha sentido, faz-se necessário manter uma relação direta entre os interlocutores, “[...] entre um discurso e as condições sociais e históricas que permitiram que ele fosse produzido e gerasse determinados efeitos de sentido e não outros” (MUSSALIM, 2004, p. 112). Sem esta relação não será possível definir um sentido que tenha efeito social em um dado contexto.

Por meio do discurso, buscamos expressar nossas convicções, idealizando e possibilitando interações, apropriações e contraposições. Nesse sentido, é por meio da interação dos locutores que se formam as mais diversas possibilidades de representações socioculturais, em contextos também diversos. Disso decorre que o discurso traz em si aspectos externos, históricos e ideológicos, que ao se materializarem na língua estabelecem sentido, no mesmo instante que se inter-relacionam em um meio comunicativo.

Para Barbosa (2000, p. 140), “A possibilidade de os sentidos circularem de uma formação para outra justifica, pois, a pluralidade de significações”. Esta heterogeneidade promovida pela interação social é que construirá a(s) significação(ões) que permitem a formação do discurso. Nessa perspectiva, Fernandes (2005, p. 21) afirma que “As escolhas lexicais e seu uso revelam a presença de ideologias que se opõem, revelando igualmente a presença de diferentes discursos, que, por sua vez, expressam a posição de grupos de sujeitos acerca de um mesmo tema”.

Na ótica de Bakhtin/Voloshinov (2004, p. 172), “as palavras são tecidas por uma multidão de fios ideológicos”, portanto, é o contexto de uso do sujeito que determinará o sentido da expressão verbal, ou seja, o meio social interfere ou infere imediatamente na língua e os sujeitos da interação caracterizam nos signos verbais estas mudanças. Esta ocorrência reafirma que língua e discurso tecem a memória sociocultural de um povo.

### 1.2.1 Formação discursiva, memória e ideologia

Para compreender ou produzir um texto temos que analisar as condições de produção. A ideia de formação discursiva desenvolvida por Foucault (1995) nos mostra o discurso como um conjunto de enunciados que se manifestam em um espaço extralinguístico definido pelo autor, ou seja, embora o discurso possua aspectos linguísticos comuns à língua, ele se constitui pelos fatores externos à língua (valores do indivíduo, crenças, espaço sociocultural etc.). Foucault (1995) afirma que, embora o discurso seja produzido por um sujeito em um espaço social delimitado, levando em consideração os aspectos sociais do contexto real do sujeito, implica na formação discursiva e assim:

Supõe que se possa definir o regime geral a que obedecem seus objetos, a forma de dispersão que reparte regulamento aquilo de que falam, o sistema de seus referenciais; supõe, também, que se defina o regime geral ao qual obedecem aos diferentes modos de enunciação. (FOCAULT *apud* GREGOLIN, 2006, p. 900)

Pode-se dizer que ao produzir diferentes discursos, o sujeito também modifica sua relação com o mundo e com o outro; desse modo, as formações discursivas resultam dessas relações. Tomemos como exemplo a figura da mulher negra, que traz em si sua história e, em sua maioria, uma vivência de degradação e sofrimento. Esta figura de mulher estará em meios socioculturais atuais, porém suas ideologias remetem ao passado. Ou seja, suas ideologias sempre estarão presentes em sua vivência discursiva. Desse modo, cabe-nos concordar com Miotello (2005, p. 176) quando esclarece que “A ideologia é um sistema sempre atual de representação de sociedade e de mundo construído a partir das referências constituídas nas interações e nas trocas simbólicas desenvolvidas por determinados grupos sociais organizados”.

Como veremos em nossa análise, encontramos no discurso de algumas músicas classificadas como música negra, uma ideologia marcada e bastante representativa da identidade do povo negro, bem como da sua forma de ver e interagir com o mundo.

Sabemos que o discurso se efetiva a partir da interação entre sujeitos e que estes, por sua vez, trazem em si uma formação discursiva, repleta de ideologias e vivência de mundo, porém dotada de discursos diversos. Segundo Fernandes (2008, p. 39), estes discursos nos mostram que

[...] toda formação discursiva apresenta, em seu interior, a presença de diferentes discursos, com que, na Análise do Discurso, denomina-se interdiscurso. Trata-se, [...] de uma interdiscursividade caracterizada pelo entrelaçamento de diferentes discursos, oriundos de diferentes momentos na história e de diferentes lugares sociais.

Com esta percepção de interdiscurso e sabendo que o sujeito traz em si uma formação discursiva, fundamentada em suas relações sociais com diferentes grupos, faz-se necessário pensar sobre memória, pois será esta que subsidiará o sujeito discursivo. Observar a memória pela ótica da Análise do Discurso permite-nos perceber que não se trata de lembranças ou recordações de um fato vivido pelo sujeito no passado; a memória sob a noção de estruturação discursiva embasa e constitui o sujeito social, sendo, portanto, a memória social do sujeito. Analisando através do viés social, observamos na memória a marca, as determinações e as características de um grupo social.

Sobre esse aspecto, Fernandes (2008, p. 45) esclarece que:

Esse espaço de memória como condição do funcionamento discursivo constitui um corpo sócio-histórico-cultural. Os discursos exprimem uma memória coletiva na qual os sujeitos estão inscritos. É uma memória coletiva, até mesmo porque a existência de diferentes tipos de discurso implica a existência de diferentes grupos sociais, sem, contudo, implicar equivalência.

A memória é, nesse sentido, um aporte cujas raízes constituem e guiam o sujeito e suas interações. Sabemos que um discurso debruçado em uma constante transformação do sujeito, determinado e influenciado pelo meio social, precisa de uma referência de formação, a fim de que este não perca a sua característica e permita que o sujeito discursivo não se prive de seus ideais em detrimento ao meio discursivo que se encontra.

Percebemos que o sujeito possui uma formação discursiva que permeia suas ideologias e que a memória atua como referência em sua construção. Assim, entendemos que é o conjunto de elementos linguísticos e socioculturais que fundamentam a formação identitária do sujeito e do contexto social que está inserido. Conhecer estes fatores nos permitirá compreender as entrelinhas e nos debruçar nos sentidos e intenções sociais possíveis em uma produção musical, ou mesmo em quaisquer outras interações sociocomunicativas.

### **1.2.2 Identidade, gênero e sexualidade**

Hall (2006) afirma que a identidade é construída historicamente, e não biologicamente. Portanto, assim como os fatos históricos que estão em constante ocorrência, o sujeito assume identidades diversas em momentos diversos. O que nos faz inferir que relacionar a identidade do indivíduo não é uma tarefa fácil. Precisamos entender que os processos que regem a identidade pressupõem que deixemos de lado alguns paradigmas; como por exemplo, a ideia de um sujeito centrado e unificado, apresentado como o sujeito do iluminismo que teria em sua essência um núcleo interior “que emergia no seu nascimento e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo – contínuo ou idêntico a ele – ao longo da existência do indivíduo” (HALL, 2006, p. 10). Assim, partindo de uma concepção biológica, o sujeito nascia com uma tendência a ser um sujeito identitário específico e distinto e não mais seria outro. Uma identidade imutável, fixa e essencial, a figura de um sujeito plano. Entretanto, interessa-nos a imagem e características de um sujeito contemporâneo, que assume diversas identidades sociais, que busca interação e se faz comunicar em todos os aspectos e espaços sociais.

Anterior a esta classificação de homem contemporâneo, Hall (2006) apresenta a ideia de sujeito social ou “sujeito sociológico”. De acordo com a percepção desse autor, o homem teria sua identidade criada na interação entre o eu e a sociedade. Desse modo, alteram a conceituação e a forma de ver o sujeito, mas esse “sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o seu ‘eu real’, entretanto, este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais ‘exteriores’ e as identidades que esses mundos oferecem” (HALL, 2006, p. 11). Assim, o sujeito admite uma determinada identidade no convívio social, no ambiente de interação, mas não despreza a essência que determina sua existência. E quanto ao sujeito contemporâneo, Hall (2006) relata que o “sujeito pós-moderno” vive uma crise de identidade, deixando de se constituir

sujeito da interação em seu discurso com o meio e passando a se constituir de várias identidades, o que lhe permite passear nas mais diversas esferas de comunicação, tornando-se comum a todos os membros de um determinado grupo.

Neste sentido, a identidade de gênero, entendida como essência discursiva do sujeito, deve ser vista como o conjunto de traços que se constituem sócio-culturalmente, definindo as atitudes comportamentais de homens e mulheres (SILVA, 1999). Cada ser social adquire uma função comunicativa na interação com o outro e sua vivência em sociedade, de modo que esta definição de identidade conduz o sujeito a um papel social na interação discursiva. A identidade de gênero não deve ser confundida com a sexualidade do sujeito, pois o caráter da sexualidade, figurado pelo contexto de uso ao qual mostra o sujeito, não determina se o papel exercido pelo sujeito é estruturalmente homem ou mulher. Segundo Silva (1999), o conceito de identidade de gênero não deve limitar-se apenas ao sexo biológico do sujeito, que é uma estrutura fixa. De modo que, pensar em identidade de gênero apenas na perspectiva biológica é minimizar o caráter discursivo do sujeito. Sabemos que a identidade, assim como o gênero, podem ser modificados.

Assim, Hall (2006) afirma que as funções sociais de gênero são construídas de forma sócio-histórico-cultural, não sendo determinadas biologicamente. Estas funções sociais e a interação do sujeito formarão sua identidade de gênero, o que nos leva a identificar que o sujeito pós-moderno é dotado de uma pluralidade de identidades. A identidade pode ser entendida como a construção de um sentimento próprio e individual e mostra a visão de mundo do sujeito. Ainda segundo Hall (1997, p. 18), “as sociedades da modernidade tardia são caracterizadas pela ‘diferença’, elas são atravessadas por diferentes ‘posições do sujeito’ – isto é – identidades – para os indivíduos”.

Essas posições permitem que o sujeito pós-moderno seja percebido enquanto humano caracterizado por "concepções mutantes", que são para Hall (2006), as transformações experienciadas pelo indivíduo até o período pós-moderno. No que concerne à formação de identidade, notamos uma ligação entre essa busca de um individualismo pós-moderno e o sujeito iluminista classificado no início das concepções de identidade.

A concepção pós-moderna da identidade de gênero reflete os diversos movimentos históricos e culturais vivenciados. Conforme esclarece Hall (2006, p. 46), o sujeito do iluminismo é “[...] descentrado, resultando nas identidades abertas, contraditórias, inacabadas, fragmentadas do sujeito pós-moderno”. Este sujeito centrado apenas no meio discursivo atual, por vezes, não

ressalta suas experiências discursivas que o formaram ao longo de sua vivência e que deveriam orientar suas percepções na interação com o meio.

Para Hall (2006, p. 38):

A identidade é realmente formada, ao longo do tempo, através de processos inconsistentes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo ‘imaginário’ ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre ‘em processo’, sempre ‘sendo formada’.

Assim, desde o nascimento do indivíduo, o processo de construção social da identidade de gênero é orientado pelos pais e influenciado, a princípio, pelo sexo biológico do sujeito. Os pais, por sua vez, orientados pelas normas impostas pela sociedade, influenciarão fortemente sobre a formação dos filhos que serão guiados pela atuação dos pais e da sociedade na qual estão inseridos. Portanto, todas as ações naturais de um indivíduo, a exemplo do modo de falar e forma de agir, vestir, a escolha de brincadeiras ou brinquedos, são aspectos que os pais orientam as crianças, segundo a percepção de seus gêneros, seja masculino ou feminino.

Segundo esclarece Pedro (1997, p. 157),

A formação do sujeito tem lugar dentro de uma rede de indicadores que estão associados a uma série de categorias biológicas, social e cultural, como idade, gênero, etnicidade e classe. De fato, as diferentes dimensões do indivíduo, ambas objetivas, ambas sociais e culturais, parecem ser aspectos irredutíveis de seu/sua identidade.

O indivíduo forma sua identidade a partir da relação com o outro. Desse modo, ele vai adquirindo características comuns ao meio de convívio em que está inserido, bem como ao grupo social que faz parte e, a partir disso, assegura sua individualidade, podendo determinar se sua sexualidade o conduzirá às características do seu gênero biológico. A sociedade estabelece estereótipos que delimitam o indivíduo (sobre sua cultura, religião, etnia etc.), sendo indicadores determinantes de inclusão ou exclusão. O fato é que a nossa sociedade, cultura ocidental, instituiu que homens devem ser bravos, fortes, responsáveis pela renda familiar; enquanto a figura feminina se apresenta, em sua maioria, passiva, submissa, medrosa, carinhosa, e como objeto de prazer masculino.

Nesse sentido, Grossi (2013), utilizando-se dos argumentos de Rangé (2001), aponta que o exercício da sexualidade é algo complexo e que envolve a prática dos genitais, experiências de aproximação, transmissão de sensações, entre outros. Implica ainda hábitos adquiridos, atitudes e, sobretudo, significados socialmente aprendidos, relacionados com a história de vida de cada indivíduo e sua maneira de internalizar as normas sociais. Estereótipos vão sendo inferidos através da interação dos sujeitos e sua vivência. Regras têm sido instituídas e seguidas pela sociedade. Embora, não possamos desprezar o caráter individual, a essência humana, a pluralidade tende a abranger formas diversas e produtivas de formações discursivas e identidade de gêneros.

## CAPÍTULO II

### 2 ACERCA DO *CORPUS*

#### 2.1 MÚSICA E SUA DISCURSIVIDADE

A mulher ao longo dos anos, mais precisamente, após a segunda guerra mundial, ganhou voz e algum caráter de valorização na sociedade, passando a ser um sujeito dotado de um discurso. A mulher cada vez mais ganha espaço na sociedade ativa e masculinizada, ou patriarcal, como apresenta Grossi (2013), ao falar da relação de sexualidade dos gêneros que, no final do século XIX, por exemplo, pensava-se que o desejo sexual era uma característica masculina e que as mulheres copulavam apenas para as necessidades de reprodução da espécie e da família. O prazer feminino era percebido como perigoso e patológico, sendo que passividade e frigidez eram consideradas comportamentos femininos “naturais”, portanto ideais. Desse modo, a mulher passou de passiva na atividade sexual a determinante de suas ações no que envolvia sua sexualidade.

Gezoni (2011) discute que ao mesmo tempo em que o movimento de emancipação da mulher foi uma grande conquista, também trouxe consequências como, por exemplo, a dupla jornada de trabalho (casa, filhos e emprego), trazendo problemas para a saúde da mulher e, por vezes, afetando a sua sexualidade. De fato, até os dias de hoje, as mulheres continuam a dobrar suas jornadas entre o trabalho e o lar. Da criação dos filhos ao sustento financeiro da casa, a mulher tenta reafirmar sua sexualidade e modificar as características do seu gênero, tradicionalmente instituídas pela sociedade patriarcal.

Segundo Badinter (1993), o conceito de masculinidade é relacional em detrimento a feminilidade, portanto, não deveria ser privilegiada pela sociedade como verdade e norma a ser seguida. Possenti (2002, p. 156) argumenta que a identidade é social, imaginária e representada. Dessa maneira, os estereótipos surgem de forma imaginária, criados a partir de uma representação social e não determinados pela essência do indivíduo, tampouco amparados por suas ideologias.

Considerando tais argumentos, consideramos que a música apresenta bastante relevância, no que diz respeito à perpetuação de estereótipos femininos. Por seu caráter de entretenimento, a

música se faz presente em diversos campos sociais, dando voz àqueles que têm o que dizer, porém, muitas vezes, não pode agir em determinados meios discursivos.

A música apresenta um discurso repleto de ideologias, reavivando na memória valores esquecidos, dores sentidas, sentimentos vividos. Revela estereótipos e mostra em suas entrelinhas “verdades” que socialmente não podem ser vistas. Discurso e voz bem aproveitados, no sentido de estereotipar a figura da mulher, ora pejorativamente, ora como figura doce, trazida ao mundo pelo amor e para o "amor".

Ao tratarmos a música como sistema linguístico, atribuímos a ela um caráter discursivo, determinado por um sujeito dotado de ideologias e repleto de sentidos verbais e não verbais. Conforme aponta Azevedo (2008, p. 36), para Ouvrand (1997),

Tentar imaginar as músicas que conhecemos em seu espaço específico, geográfico e social, está longe de ser um esforço vão: é que a música dos antigos, determinada por uma função, está sempre ‘em situação’. Situa-la em seu lugar é, ao mesmo tempo, definir sua natureza, visualizar os executantes e os ouvintes, escutar os instrumentos e sonoridades; concretamente, compreendê-la.

Azevedo (2008) discorre que a história do homem, seus pensamentos e saberes se confunde à história da música, pois há muito tempo o homem elabora músicas, buscando sempre contextualizar suas composições de acordo com o meio social em que está inserido, sócio-historicamente. Sabemos que o discurso só se constitui através da relação comunicativa/interativa entre interlocutores; desse modo, a música retrata pensamentos e ideologias situados, ou seja, de um sujeito discursivo para um meio social possível.

Entendemos a música como movimento constante de transformações, simultâneas e justapostas, de uma linguagem que lhe é própria. Azevedo (2008) mostra que “entre o final do século XIII e o XIV, permitiram a valorização da liberdade de pensamento, do individualismo e de novas práticas sociais, que puderam ser ouvidas na nova música que era, então, criada”. Reafirmando a ideia de que a música é um construto social real, repleto de identidade e com uma alta produtividade de valores, ela se torna representativa, por se tratar de uma estrutura existencial que se realiza através da individualidade do sujeito. Neste sentido, Azevedo (2008, p. 41) retrata:

A arte musical passa a ser tida como representativa, destacando-se a individualidade, psicológica e estética, do artista, tanto o compositor quanto os

intérpretes. Em oposição, há o movimento do formalismo musical, com o teórico Hanslik, por exemplo, que exigia à música uma característica específica unicamente ligada à forma e a estéticas próprias deste campo, negando nela quaisquer elementos extramusicais, ainda que ligados ao compositor.

Assim, temos a música negra, criada e cantada por movimentos negros e periféricos, ela nasce das origens do sujeito, da essência pura e realista do movimento escravo, de uma sociedade restrita e preconceituosa. Em nosso estudo, analisamos músicas que retratam o caráter de exclusão social da mulher pela sociedade pela ótica da coisificação do ser.

Baseando-se em Foucault e na Análise do Discurso, Azevedo (2008, p. 41) demonstra:

Podemos dizer que as linguagens e técnicas musicais são frutos de forças e características próprias das épocas em que são criadas, a partir de questões sociais, culturais, econômicas, políticas e, talvez principalmente, pelo o que os sujeitos que as criam almejam com sua obra. Como Foucault nos aponta, o discurso de uma obra musical pode ser entendido como uma forma de organização e representação do mundo na qual está em jogo um conjunto de forças sócio-histórico-culturais aliadas às formações discursivas que a constituem.

Nesse contexto, ressaltamos a importância da identidade e da memória discursiva do sujeito ao criar suas músicas, pois a subjetividade “do compositor, do intérprete e do público nos vários momentos históricos” (AZEVEDO, 2008, p. 42) determinará a produtividade semântico-discursiva desta ou daquela canção.

## 2.2 MULHER NEGRA: BREVE CONTEXTO HISTÓRICO

SER ao mesmo tempo mulher e negra, no Brasil como em vários outros países, já deu provas históricas de ser uma dupla desvantagem; as negras continuam a ocupar as posições mais baixas na sociedade. (HAHNER, 1978 *apud* RIBEIRO, s/d, p. 104)

Como percebido na citação a cima, no final da década de setenta, este não era apenas um discurso, mas uma realidade que ainda atualiza as marcas da escravidão. Cicatrizes carregadas por homens e mulheres que tiveram, não apenas seus gêneros oprimidos, mas que, constantemente, tiveram que negar suas identidades culturais; desprezar as origens; negar a cor, as ideologias e as vontades, bem como a voz e o direito a agir no meio social. Esta tem sido a

formação discursiva que mulheres vêm sendo obrigadas a adotar ao longo de suas vidas. Desligar-se de suas essências, a fim de se enquadrar num padrão de branquitude institucional.

Nos dias atuais, as mulheres negras ainda sofrem os resquícios de uma escravidão determinada e regulamentada por uma sociedade que as tinham por escravas. O mercado de trabalho ainda tem limitado a mulher negra, por meros estereótipos de empregada doméstica, devido à baixa instrução escolar, acabam por reafirmar a cada dia esta realidade.

A individualidade da identidade do sujeito e seu empenho em se fazer melhor e constituir uma identidade igualitária, eram vislumbradas por alguns senhores no período escravocrata. Para nossa reflexão sobre a mulher negra, faremos um breve percurso pelo período da escravatura no Brasil, apresentado por Ribeiro (s/d, p. 104), “em que se fundaram sentidos de mulher negra ligados a objeto sexual, a reprodução de mão de obra escrava, a ama de leite, etc.”.

Safiotti (2004) revela que os papéis das mulheres da época colonial eram influenciados pela relação com seus senhores. Assim, os negros dotados de uma individualidade ganhavam, segundo a autora, um papel de relevância na vida dos senhores. Diante disso, a figura negra feminina traz consigo dois estereótipos: o de escravocrata e da desvalorização social. O primeiro por ser mulher e o segundo por ser negra. Sobre isso, Ribeiro (s/d, p. 105) discorre:

As escravas eram privadas de todos os direitos civis, sujeitas ao senhor ou à senhora, sendo reduzidas à condição de coisa (reificação ou coisificação), mas trouxeram, juntamente com seus descendentes, uma contribuição incontestável para a nossa cultura. Apesar do menor número de escravas em relação ao de escravos, elas executavam, na agricultura, o trabalho com foice e enxada, semeavam desde pequenas, retiravam ervas daninhas, enfeixavam canas e as moíam nos engenhos, coziam o melado, manufaturavam o açúcar, descascavam a mandioca, descaroçavam o algodão. Na casa-grande, cozinhavam, costuravam, lavavam e arrumavam. Na senzala, algumas se tornavam parteiras, benzedeiras e temidas feiticeiras.

À mulher negra destinam-se diversas atividades, sejam domésticas como: cozinhar, lavar e cuidar das crianças; ou mesmo as que exigem força e resistência, destinadas ao trabalho escravo masculino. Estes trabalhos de caráter rural contribuíram para formação de nossa cultura, que está arraigada incontestavelmente às tradições negras dessa época. Ribeiro (s/d), citando Priore (2003), relata que nos grandes centros a função da escrava era direcionada ao comércio varejista, o que não agradava as autoridades da época, que a enxergava como meio facilitador de atividades ilícitas, ou seja, eram sempre vistas numa perspectiva contrária a evolução da sociedade local.

Todavia, a desconfiança parecia ter fundamento, pois precisavam de dinheiro e faziam quaisquer negócios. Muitas mulheres negras se prostituíam. Segundo Priore (2003 *apud* RIBEIRO, s/d), esse comércio propiciou a muitas o acúmulo de dinheiro para compra da liberdade.

A mulher negra passava então a desempenhar um papel que iria além do sistema de produção a que servia, passando a executar também um papel sexual. Ribeiro (s/d) reitera que a reificação fica mais clara na medida em que a mulher funciona como objeto sexual de seu senhor, de modo que tanto os homens brancos como os negros a disputavam, conforme também aponta Saffioti (1976). Além disso, segundo esta autora, também as mulheres brancas e as negras disputavam o homem branco; embora as brancas sempre ocupassem o lugar de esposa legítima. Para Saffioti (1976, p. 166-167),

Não se pode negar, entretanto, que essas relações extraconjugais perturbavam o sistema de trabalho e a moral, fundamental na postura das mulheres da camada senhorial. Algumas delas, indo de encontro às regras, buscavam amantes, seja dentro de sua casta ou utilizando os escravos. A despeito disso, a escravidão atendia às necessidades do sistema produtivo e às necessidades geradas pela sociedade colonial.

A mulher negra, submissa aos desejos do seu senhor, tinha que suportar os castigos em que, por vezes, sofriam de suas senhoras, as quais por ciúmes da atenção de seus maridos buscavam vingança. Essas mulheres, além de serem obrigadas a saciar os anseios sexuais dos senhores e de aguentar os castigos de suas senhoras, ainda eram obrigadas a cumprir a demanda sexual de iniciação dos jovens brancos, já que a mulher branca, pela convenção social da época, deveria ser virgem.

As negras, que já eram tidas como objeto sexual e de lucro imediato, passam a ser usadas também para fins reprodutivos, com o objetivo de “contribuir” para a mão de obra de seus senhores. Estas mulheres, entretanto, não eram agraciadas pela condição de gestante, pois com a intensa jornada de trabalho e as condições precárias de sobrevivência, muitas vezes, o feto não vingava. Consoante Giacomini (1988 *apud* RIBEIRO, s/d, p. 107), “a maternidade e a lactação não planejadas nem previstas, vinham, na realidade, ‘penalizar’ a escrava por suas funções reprodutivas”. Com isso, a história passa a ter mais um argumento que reforça a ideia de coisificação da mulher, de objeto usado para fins próprios dos senhores.

Nessa época, a negra não era vista só como objeto, ela também era vista como não mulher. O período patriarcal negou-a o direito de ser mãe, uma vez que seus filhos eram

comercializados ou mortos. Foi negado o direito de ser mulher, pelo fato de que a sociedade valorizava a mulher branca na função de mãe, progenitora; ao passo que a negra não se valia desta posição.

Veio então à libertação, todavia, por não conseguir interação social, os negros passaram a viver num caráter marginal. A mulher negra, embora tenha ascendido na mesma proporção que o homem escravo, permanecia numa posição inferior. Sem recurso e sem emprego, acaba por se prostituir. De acordo com Saffioti (1976, p. 177),

Com a liberdade da escrava negra, o patriarca se vê obrigado a diminuir as relações sexuais fora do casamento, a menos que busque o novo setor da prostituição, instituído por meio do salário. Este setor mostra-se, assim, exclusivamente comercial, representando a exploração de uma classe sobre outra.

Também nessa época, a mulher passa a ser o principal meio de sustento, cumprindo, inclusive, com as obrigações dos senhores. “Seu trabalho se multiplicava e dividia-se entre o quarto apertado, em promiscuidade com os seus, e as cozinhas das famílias abastadas. Teve de desdobrar-se para lidar com todas as complexas e novas situações” (RIBEIRO, s/d, p. 116). Ela passou então a trabalhar com o que era habituada. Ora como prostituta ora como doméstica sofriam as mesmas violências física e moral. Ribeiro (s/d, p. 116), partindo das perspectivas de Hahner (1978), evidencia que:

As ‘mudanças’ no outro modo de viver (doméstica) consistiam em servir a patroa em lugar da sinhá, a ser perseguida pelo patrão em lugar do antigo senhor. Muda a configuração econômica, mas as práticas sociais cristalizadas permanecem.

Vítima da escravidão, a mulher negra se sujeita involuntariamente às regras do preconceito racial (RIBEIRO, s/d). Hoje, alguns séculos depois, esse tipo de preconceito ainda se faz presente na sociedade, e apesar dos avanços, a mulher negra ainda é reflexo de uma identidade cultural e de um passado de exclusão. Diante do exposto, no capítulo seguinte veremos quais estereótipos encontramos perpetuados nas músicas analisadas e de que forma essa imagem de mulher brasileira e negra tende a ser disseminada na contemporaneidade.

## CAPÍTULO III

### 3 ANÁLISE DOS DADOS

#### 3.1 REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA EM MÚSICAS BRASILEIRAS

Nesses três séculos de escravismo no Brasil, o lugar social da mulher negra delineou várias identidades. Nesse sentido, as letras das músicas que compõem nosso *corpus* demonstram os sentidos que ressoam e constituem a construção identitária dessas figuras femininas; vistas como objeto do prazer masculino, como escravas, não mulher, ama de leite, dentre outras expressões pejorativas. Veremos a seguir se este discurso se constitui ou é desconstruído na contemporaneidade.

As músicas que constituem o *corpus* deste estudo foram selecionadas com base em um conjunto de 30 composições que abordavam a figura da mulher negra, das quais extraímos aquelas que mais se aproximavam dos nossos objetivos de pesquisa. A princípio, trazemos a música “**Escurinha**”, de Geraldo Pereira, um importante sambista brasileiro e grande compositor que buscava retratar, em seus sambas, o comportamento da época. Pensar a expressão “escurinha” no contexto atual leva-nos a classificá-la como uma expressão “pejorativa”. Todavia, no contexto social da época, tratava-se de uma forma carinhosa de tratamento, natural para a ocasião.

**Escurinha**  
(*Geraldo Pereira*)

Escurinha, tu tens que ser minha de qualquer maneira  
Te dou meu boteco, te dou meu barraco  
Que eu tenho no morro de Mangueira  
Comigo não há embaraço  
Vem que eu te faço meu amor  
A rainha da escola de samba  
Que o teu nego é diretor  
Quatro paredes de barro, telhado de zinco  
Assoalho no chão, só tu escurinha  
É quem está faltando no meu barracão  
Deixa disso bobinha, só nessa vidinha levando a pior  
Lá no morro eu te ponho no samba  
Te ensino a ser bamba, te faço a maior Escurinha, vem cá!

Observando a letra da música e, considerando o lado oposto à ideia de tratamento carinhoso, podemos dizer que a afirmação “Escurinha, tu tem de ser minha de qualquer maneira” remete à visão que os senhores tinham de suas escravas, uma vez que podiam tê-las a qualquer tempo. Oferecendo seus bens materiais, como mostra a sentença “Eu te dou meu barraco / Te dou meu boteco / Que tenho no morro de Mangueira”, o autor aviva em nossa memória a mulher objeto sexual, que após a abolição, e sem emprego, passou a se prostituir em troca de dinheiro para garantir sua sobrevivência.

Ainda nessa mesma música, encontramos resquícios de desvalorização das escolhas realizadas pela mulher pretendida, bem como do modo de vida que a mesma levava. O autor, ao chamá-la de “bobinha”, pelo fato dela estar só e sem um homem que a sustente, deixa a entender que esse seria o caminho para uma vida melhor; questionando sua maneira de sobreviver e garantir seu sustento. O sujeito que fala na música quer evidenciar sua posição majoritária de diretor de escola de samba, o qual mesmo sem saber se a “Escurinha” sabe dançar, promete a ela um posto de sambista. E destaca que na escola de samba ela não mais será uma “desafortunada”, ganhará uma posição relevante e será a “maior”, conforme verificamos nos versos: “Sai disso, bobinha / Só nessa vidinha levando a pior / Lá no morro eu te ponho no samba / Te ensino a ser bamba / Te faço a maior”.

Sabendo que a música deve ser analisada de acordo com o contexto social, aplicado e determinado, busca-se levantar possibilidades significativas através das expressões dispostas. Nesse sentido, partindo da semântica formal, que mostra que o significado se constituirá na verdade relacionada à palavra que funciona como representação linguística de algo no mundo. Dessa forma, trazemos a verdade expressa na vivência da mulher escrava no Brasil, representada, relatada e historiografada em nossa memória e no cancionário da MPB. Segundo Pêcheux (1999, p. 54), “um enunciado sempre traz outros em redes de memória e história, na condição de refutá-lo, contradizê-lo e também de ressignificá-lo e em redes de significantes”. Assim, o efeito de sentido obtido em nossa análise se deu pela anulação da identidade e formação ideológica historicamente construída e pela submissão (pretendida pelo autor) do gênero e sexualidade da mulher negra, delimitada a objeto de desejo sexual.

Continuando na percepção de samba de raiz, focalizamos também a canção “Nega Manhosa”, de Herivelton Martins. Considerado um dos maiores compositores do samba

brasileiro, o autor foi um dos integrantes da dupla Branco e Preto e, já na década de 30, abordava em suas músicas as diversidades sociais e étnicas da época. Especificamente nessa composição a negra é o oposto do que descreve a historiografia da época, em que a mulher negra era símbolo de trabalho árduo, contínuo e permanente. Vejamos a letra:

**Nega Manhosa**  
(*Herivelton Martins*)

Levanta, levanta nega manhosa  
Deixa de ser preguiçosa,  
Vai procurar o que fazer  
Nega, deixa de fita  
Prepara minha marmita  
Levanta, nega, vai te virar  
Deixei embaixo do rádio uma nota de cinquenta  
Vai à feira, joga no bicho  
Vê se te aguenta  
Economiza, olha o dia de amanhã  
Eu preciso do troco  
Domingo tem jogo no Maracanã  
Do bate-bola sou um fã.

Desconstruindo o imaginário escravocrata, mas se apegando a outro imaginário de desvalorização da mulher negra, o autor a julga preguiçosa e a manda arrumar o que fazer “Levanta, levanta Nega Manhosa / Deixa de ser preguiçosa / Vai procurar o que fazer / Nega, deixa de fita / Prepara minha marmita / Levanta nega vai te virar”; trazendo a visão de que, nesse contexto, o homem é quem determina a situação financeira da casa. Uma nova construção identitária para uma nova formação discursiva: a mulher negra que antes era vista como atuante na agricultura, no comércio e no lar, hoje é apenas um peso que vive a fazer “fita”.

Vê-se assim que a mulher antes forte, guerreira e determinada num período de nossa história, que sobreviveu aos maus tratos, à segregação, à violência e à anulação; nesse novo contexto, em que a música inaugura, é figura feminina submissa ao homem. Ela agora se reconfigura imagem de representação de mulheres brancas do regime escravocrata, ou seja, a letra da canção mostra uma unificação de gênero: a mulher é sexo frágil, independentemente da cor. O autor não nega uma verdade, traz, isto sim, uma visão possível da forma de ver e tecer a figura da mulher em épocas distintas. Essa representação, ainda atuante em nossos dias, felizmente é restrita a um determinado grupo de mulheres que ainda precisa acender socialmente.

Buscamos agora tecer algumas considerações acerca da composição musical “**Mulheres Negras**”, composta pelo *rapper* Eduardo, ex-integrante do grupo Facção Central; e interpretada pela cantora Izalú, considerada a precursora de um novo estilo musical na atualidade, o *hip hop* no violão ou Música Periférica Brasileira (MPB)<sup>1</sup>. Negra, nascida na periferia de São Paulo, a artista se destaca pelo fato de buscar dar voz às mulheres negras da periferia; abordando questões de cunho social que envolve o ser mulher negra na sociedade. Assim, verifica-se que os sujeitos discursivos (o compositor; a intérprete; e a figura da mulher negra) interagem no plano do conteúdo musical, refletindo valores e ideologias. Vejamos a letra completa da referida música:

### **Mulheres Negras**

*(Compositor: Eduardo – Intérprete: Izalú)*

Enquanto o couro do chicote cortava a carne,  
 A dor metabolizada fortificava o caráter;  
 A colônia produziu muito mais que cativos,  
 Fez heroínas que pra não gerar escravos matavam os filhos;  
 Não fomos vencidas pela anulação social,  
 Sobrevivemos à ausência na novela, no comercial;  
 O sistema pode até me transformar em empregada,  
 Mas não pode me fazer raciocinar como criada;  
 Enquanto mulheres convencionais lutam contra o machismo,  
 As negras duelam pra vencer o machismo,  
 O preconceito, o racismo;  
 Lutam pra reverter o processo de aniquilação  
 Que encarcera afros descendentes em cubículos na prisão;  
 Não existe Lei Maria da Penha que nos proteja,  
 Da violência de nos submeter aos cargos de limpeza;  
 De ler nos banheiros das faculdades hitleristas,  
 Fora macacos cotistas;  
 Pelo processo branqueador não sou a beleza padrão,  
 Mas na lei dos justos sou a personificação da determinação;  
 Navios negreiros e apelidos dados pelo escravizador  
 Falharam na missão de me dar complexo de inferior;  
 Não sou a subalterna que o senhorio crê que construiu,  
 Meu lugar não é nos calvários do Brasil;  
 Se um dia eu tiver que me alistar no tráfico do morro,  
 É porque a lei áurea não passa de um texto morto;

Não precisa se esconder segurança,  
 Sei que cê tá me seguindo, pela minha feição, minha trança;  
 Sei que no seu curso de protetor de dono praia,  
 Ensinarão que as negras saem do mercado

<sup>1</sup> Informações colhidas do site da UOL, em matéria publicada em fevereiro de 2016. Disponível em: <<http://musica.uol.com.br/noticias/redacao/2016/02/29/rapper-narra-historias-de-mulheres-ao-violao-e-manda-recado-para-o-machismo.htm>>. Acesso em: 13 Jun. 2016.

Com produtos em baixo da saia;  
 Não quero um pote de manteiga ou um shampoo,  
 Quero frear o maquinário que me dá rodo e uru;  
 Fazer o meu povo entender que é inadmissível,  
 Se contentar com as bolsas estudantis do péssimo ensino;  
 Cansei de ver a minha gente nas estatísticas,  
 Das mães solteiras, detentas, diaristas.  
 O aço das novas correntes não aprisiona minha mente,  
 Não me compra e não me faz mostrar os dentes;  
 Mulher negra não se acostume com termo depreciativo,  
 Não é melhor ter cabelo liso, nariz fino;  
 Nossos traços faciais são como letras de um documento,  
 Que mantém vivo o maior crime de todos os tempos;  
 Fique de pé pelos que no mar foram jogados,  
 Pelos corpos que nos pelourinhos foram descarnados.  
 Não deixe que te façam pensar que o nosso papel na pátria  
 É atrair gringo turista interpretando mulata;  
 Podem pagar menos pelos os mesmos serviços,  
 Atacar nossas religiões, acusar de feitiços;  
 Menosprezar a nossa contribuição para cultura brasileira,  
 Mas não podem arrancar o orgulho de nossa pele negra;

**Refrão:**

Mulheres negras são como mantas kevlar,  
 Preparadas pela vida para suportar;  
 O machismo, os tiros, o eurocentrismo,  
 Abalam mas não deixam nossos neurônios cativos.

Os dois versos iniciais da música “Enquanto o couro do chicote cortava a carne / A dor metabolizada fortificava o caráter” remetem-nos de imediato ao contexto histórico do negro no Brasil, isto é, ao período escravocrata, no qual ele era visto como um ser coisificado; sendo, não raras vezes, tratado como animal (“cortava a carne”), pelos açoites, castigos e punições sofridas durante esse duro processo. Realidade histórica que recuperamos cognitivamente (semântica cognitiva) por meio da memória e dos esquemas imagéticos que nela se constituem. Com isto, a música também evidencia o caráter de verdade e referencialidade (semântica formal) que reafirma o sentido das expressões escolhidas pelo compositor.

O trecho destacado também evidencia o estereótipo de uma raça forte, tanto fisicamente como psicologicamente. Nesse sentido, entendemos que a dor (“que fortifica o caráter”) funciona como um escudo que ao invés de debilitar e segregar faz com que a mulher negra se sinta mais forte diante das atrocidades dos castigos, aos quais eram submetidas. Nesse caso, fortificava, a cada chicotada, o caráter e a esperança de sobreviver além dos castigos e gozar de dias melhores.

Reafirmando o estereótipo da não mulher, o trecho “A colônia produziu muito mais que cativos / Fez heroínas que pra não gerar escravos matavam os filhos” demonstra o infortúnio de uma mãe segregada pela sociedade, arrasada pela sua essência feminina de ser progenitora. Essa era uma realidade comum na época da escravidão, como bem descreve Ribeiro (s/d, p. 107-108), partindo de um trecho do Jornal *A voz do Escravo* (1881),

[...] nesse gênero de ‘alforria’, muitas vezes, às mães antecederam os senhores. É o caso, por exemplo, do infanticídio cometido em 1881 por um senhor que ‘em vista da lei do ventre-livre, acaba de atirar à rua, para morrer, um recém nascido de escrava sua. Era ‘a terceira vez que assim agia, tendo liquidado anteriormente outros dois filhos da mesma escrava’.

Na sequência, observa-se a posição/formação ideológica de uma mulher que, embora vítima de “anulação social” (na mídia, mercado de trabalho, padrões estéticos etc.), não se deixa vencer pelo sistema dominante, de modo que busca superar diariamente os resquícios discriminatórios que marcaram/marcam a história da mulher negra em nosso país. Mesmo na atualidade, percebe-se que o preconceito e o racismo não são realidades distantes, manifestando-se de maneira explícita e, sobretudo, de forma velada. Vejamos no trecho:

Não fomos vencidas pela anulação social,  
O sistema pode até me transformar em empregada  
Mas não pode me fazer raciocinar como criada,  
Enquanto mulheres convencionais lutam contra o machismo,  
As negras duelam pra vencer o machismo,  
O preconceito, o racismo.

Ver a identidade dessas mulheres limitadas a seu gênero e a sua sexualidade: mulher, sexo feminino, objeto de procriação; faz-nos remeter a realidade da periferia brasileira. Meninas que mal se firmaram na adolescência, são “usadas” ou se fazem usar, de forma a deplorar sua condição de sujeito. A cantora vocaliza que:

Não existe lei maria da penha que nos proteja  
Da violência de nos submeter aos cargos de limpeza,  
De ler nos banheiros das faculdades hitleristas,  
Fora macacos cotistas.

No que se refere à lei Maria da Penha, citada no trecho acima, entende-se que, de fato, essa lei se torna relevante para todas as mulheres, sejam elas negras ou não. Contudo, o campo semântico sugerido pela canção revela que a violência contra a mulher negra não se restringe somente às agressões físicas; em termos morais, o preconceito e a discriminação também podem ser considerados sinônimos de violência contra a sua identidade e, por conseguinte, sua raça. Nesse sentido, pode-se dizer que a letra da música é uma forma de discurso pela linguagem, fazendo-nos perceber as formações discursivas dos sujeitos e suas ideologias. Conforme visto anteriormente, constata-se que “ao produzir linguagem os falantes produzem discurso” (FERNANDES, 2005, p. 19).

Os versos seguintes, “Pelo processo branqueador não sou a beleza padrão / Mas na lei dos justos sou a personificação da determinação”, trazem à tona a discussão acerca da desigualdade social que há entre mulheres brancas e negras, enfatizando que não há inclusão social real. Percebe-se que a composição musical se mostra repleta de ideologias que sabemos ter sido fruto do contexto histórico de vivência, comum a este grupo, a esta raça, e negligenciado pela cultura da maioria. Ao mesmo tempo em que mostra as nuances de discriminação, apresenta que o povo (representado pela mulher negra) é forte e vai continuar resistindo, o que pode ser constatado na expressão “personificação da determinação”. Tendo em vista o teor metafórico que tal expressão denota, ao instituir que a mulher negra é a personificação da determinação, isto é, uma mulher forte, firme e persistente; seu significado pode ser depreendido quando relacionada às experiências vividas pela mulher negra ao longo da história, que as fizeram/fazem ser/agir assim.

Essas perspectivas dialogam até mesmo com a história de vida da intérprete de “Mulheres negras”, Izalú. Em entrevista à revista Fórum (2014), por Jarid Arraes, ela relata:

Passei por muitas situações em minha vida, tive uma rotina discriminatória grande e, sem mesmo saber o que estava fazendo, totalmente contaminada pelos padrões da beleza midiática e eurocentrista, como um zumbi mesmo, busquei em um momento, de forma inconsciente, me enquadrar nos padrões desta classe dominante para poder ser aceita. Porém, sempre percebi que os olhares sobre mim e a tratativa eram diferentes de outras mulheres que tinham os padrões naturais aceitáveis para esta sociedade. Foi aí que comecei a entender toda a teia que desde a senzala teceram para nós. Se nos rendermos à teia, seremos sempre subalternas através dos olhares dessa supremacia, mas quando a desfazemos, enxergamos de forma transparente a ira da derrota.

Tais trechos (da música e do depoimento) reforçam a perspectiva de que os valores estéticos também são socialmente influenciados, no sentido em que as pessoas buscam se adequar aos padrões ditos “aceitáveis” pela sociedade. No tocante à estética negra, considera-se ser este um fator identitário. O relato da intérprete reflete em sua musicalidade e nas expressões escolhidas pelo próprio compositor, ambos se posicionam a favor da não inferioridade da mulher negra. Vejamos:

O aço das novas correntes não aprisiona minha mente,  
 Não me compra e não me faz mostrar os dentes;  
 Mulher negra não se acostume com termo depreciativo  
 Não é melhor ter cabelo liso, nariz fino;  
 Nossos traços faciais são como letras de um documento,  
 Que mantém vivo o maior crime de todos os tempos;  
 Fique de pé pelos que no mar foram jogados,  
 Pelos corpos que nos pelourinhos foram descarnados.

Entendemos com isso, que os sentidos expressos na música evidenciam a formação discursiva e a concepção de mundo vivenciada pela cantora. Com isso, reafirmamos a música como instrumento propagador de ideologias, uma vez que mostra as verdades que socialmente não podem ser vistas ou que o sistema social busca mascarar.

Por fim, destacamos a música “**Marias**”, de Karol Conká, negra, *rapper*, cantora e compositora brasileira, considerada uma das principais representantes do Rap feminino. Em sua música, veremos a figura da mulher numa posição contemporânea, cansada de ser tachada como “diferente” e que busca uma inclusão a todo custo. Vejamos a letra:

**Marias**  
 (Karol Conká)

Escrevendo histórias vivendo cada segundo  
 Nomes do passado que ainda percorrem o mundo,  
 Orgulhando envergonhando.  
 Muitas se sentem sobrando  
 Sem estímulos na vida algumas seguem se enganando  
 Sempre existirá aquelas que fazem a diferença  
 Não pensam em recompensa  
 Que tem caráter presença  
 Sempre te ganham licença  
 Chegam com classe decência  
 Tem argumentos propensos  
 Medem suas consequências

Milhares já muito mais querem sempre um pouco mais  
 Enquanto outras milhares não sonham nem correm atrás  
 Caem no comodismo qualquer coisinha já satisfaz  
 Falta de realismo acredita que aqui ninguém faz  
 No país rico de beleza misturado com pobreza  
 Meninas se fantasiam negando suas naturezas  
 Cobertas de incertezas com medo se sentem presas  
 Escondem a esperteza sonhando com a realeza

**Refrão:**

A mocinha quer saber por que ainda ninguém lhe quer  
 Se é porque a pele é preta ou se ainda não virou mulher  
 Ela procura entender porque essa desilusão  
 Pois quando alisa o seu cabelo não vê a solução.

As varias experiências de muita missão comprida  
 Aparecem no rosto mostrando as décadas vividas  
 Madame morre de medo realiza seu desejo  
 Com dinheiro no bolso seu corpo já não é o mesmo  
 Se prepara, se compara.  
 Vai a jantares repara nas dondocas desfilando suas cirurgias caras  
 Ocultando suas raízes, inventado novas crises.  
 Esticando tudo que enruga e vivendo infeliz  
 Dona Maria levanta cedo de segunda a segunda  
 Segue acostumada com uma rotina que nunca muda  
 De joelhos olhos fechados pede pro santo uma ajuda  
 Que ilumine a cabeça de sua filha caçula  
 Que sai de saia justa salto alto mini blusa  
 Se sentindo madura com vergonha da pele escura  
 Se decepcionando com o reflexo do espelho  
 E querendo o mesmo visual dourado da modelo

De modo geral, a música discute o fato de que a sociedade atual busca negar a identidade da mulher negra a favor da unificação de um padrão social. Nos trechos “No país rico de beleza misturado com pobreza / Meninas se fantasiam negando suas naturezas / Cobertas de incertezas com medo se sentem presas / Escondem a esperteza sonhando com a realeza”, percebe-se uma mulher que busca construir uma identidade que não é comum ao seu meio social e que não aceita ser diferente. Nesse sentido, a música traz questionamentos sobre o gênero, interpelando: “A mocinha quer saber por que ainda ninguém lhe quer / Se é porque a pele é preta ou se ainda não virou mulher”.

Segundo Pedro (1997), a formação do gênero está ligada a diversos fatores, dentre os quais destacamos: idade, formação cultural e discursiva. Pensando nisso, visualizamos nos versos da música a “negação” de uma identidade que ainda está em formação. O fato é que as meninas

não querem trazer o peso do racismo e do preconceito do gênero em sua formação, pois sabem que socialmente a pele clara aparenta ter mais valor. Os versos relatam ainda a transição de menina para mulher, que se dá, muitas vezes, mediante a negação da própria raça. Atualmente, as mulheres estão determinadas a servir, voltar à concepção de serviçal/escrava; porém, neste século, não há senhores. Hoje servimos a padrões estéticos, identitários e ideológicos.

O contexto posterior dos versos destaca a mãe que se preocupa com a identidade “distorcida” de sua filha e “De joelhos olhos fechados pede pro santo uma ajuda / Que ilumine a cabeça de sua filha caçula / Que sai de saia justa salto alto mini blusa / Se sentindo madura com vergonha da pele escura”. A formação identitária, assim como a de gênero, requer orientação social, ou seja, o meio de convívio vai determinar as características do indivíduo; de modo que o discurso apenas refletirá as ideologias adotadas pelo sujeito. Dessa forma, os significados associados por ele serão fundamentais.

Notamos que os estereótipos femininos se moldaram de acordo com as novas tecnologias existentes no mercado, dando uma importância maior para um padrão de beleza superficial. E, com a adoção de uma beleza superficial, os comportamentos também vão se moldando para uma maior aceitação na sociedade, gerando assim uma banalização dos valores éticos e culturais. Desse modo, percebe-se que a não aceitação da própria identidade feminina acarreta na tomada de uma conduta contraditória e, por sua vez, impulsiona as atitudes preconceituosas da sociedade.

## CONCLUSÃO

A análise do discurso ressalta a pluralidade do sujeito, determinando que ele é constituído pelos discursos que vivenciaram e vivenciam as práticas sociais, o que permite a formação discursiva e a transformação ou ressignificação da identidade. Outrossim, é o papel da linguagem. Não haveria memória, portanto, a história sem que a linguagem organizasse e permitisse a comunicação/interação em meio ao contexto sociocultural em que os sujeitos se relacionam em tempos e lugares diversos.

Assim sendo, neste trabalho, pudemos verificar como a mulher negra é representada em algumas músicas brasileiras, buscando evidenciar as relações/formações discursivas reveladas no conteúdo de tais músicas. Pudemos perceber que a música tem a função inicial de entreter, mas por transitar por diversos estilos e em diferentes contextos, também veicula as ideologias de uma sociedade. Assim, conseguimos observar que, embora as negras tenham sido libertas na história da sociedade, os conceitos atribuídos no período em que eram escravas, engessaram preceitos pejorativos na evolução da sociedade. O meio social mudou, porém, a imagem desta figura, insiste em permanecer no regime escravocrata antigo. Dessa maneira, conseguimos perceber como as identidades de gênero e raça se firmam no sujeito, sendo a formação discursiva constituinte da formação e interação desse sujeito.

Em linhas gerais, a música brasileira negra é cantada por negros. Entendemos esta característica como reforço de uma cultura que a sociedade parece esquecer ou deixar de lado, embora diariamente vejamos o caráter discriminatório, a perseguição de uma raça, a reprodução estereotipada, em sua maioria pejorativa e de exclusão. A figura do negro sofre os efeitos de um período que denegriu a índole de um povo. O que deveria servir como aporte social de recompensa, tratando estas origens como vergonha herdada por um povo e como uma cultura distinta à época, é constantemente reafirmada na sociedade pelo preconceito e a exclusão de classe, retratando a identidade social de um povo sofredor e de uma sociedade opressora, que aflige a sexualidade feminina independente da raça.

Materializando estas histórias, nas quais os sujeitos evidenciam a mulher negra, segregada pelos seus senhores e usada pela comunidade (como: objeto sexual, doméstica, serva da lavoura, do comércio), a música permite imortalizar a memória social. Memória de uma crença cristã depreciada, descaracterizada como humano e esquecida pelas autoridades da época. Mesmo

assim, sua essência humana a fez resistir e insistir, vislumbrando uma vida que uma hora seria mudada, melhorada e favorecida, o que esperam até nossos dias.

Voltando-nos aos estudos semânticos, vemos a produtividade do tema e como se faz importante analisar e demonstrar que esta relação de mulher e sociedade será sempre mediada pela linguagem e esta, por sua vez, será carregada de sentidos. O dizer de um povo, historicamente inserido num grupo social, que sofre até hoje as marcas de um discurso de poder e exclusão, deve reafirmar constantemente sua cultura, ressaltando que as características vividas e relatadas na época não se constituirão na consciência de uma sociedade experimentalista, como pudemos observar nas análises das canções.

Diante do exposto, concluímos reafirmando a importância discursiva da música como meio de conscientização e valorização étnica de um povo; bem como instrumento de denúncia, de alerta para uma sociedade que se classifica como liberta e conhecedora de seus direitos. A música traz realce semântico aos discursos dos sujeitos e suas ideologias, munida de significados, permite perpassar e imortalizar sujeitos, ideologias e crenças.

## REFERÊNCIAS

- ARRAES, Jarid. Questão de gênero. **Revista Fórum**, 2014. Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/questaoodegenero/2014/03/18/yzalu-feminista-negra-da-musica-periferica>>. Acesso em: Mai. 2016.
- AZEVEDO, Renata Mattos de. Música, Representação e Discurso: Uma Breve Análise da História da Música Ocidental. **SINAIS - Revista Eletrônica: Ciências Sociais**. Vitória: CCHN, UFES, Edição n.03, v.1, Junho. 2008, p. 27-42.
- BAKHTIN, M.; VOLOSHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2004.
- BADINTER, Elisabeth. **XY**: sobre a identidade masculina. ESTRADA, Maria Ignez Duque (Trad.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BARBOSA, P. L. N. Produção de texto e subjetividade: o jogo de imagens. *In*: GREGOLIN, M. do Rosário. **Filigranas do discurso: as vozes da história**. Araraquara: FCL/Laboratório Editorial/ UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2000.
- CONKÁ, Karol. **Marias**. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/karol-conka/marias.html>>. Acesso em: Abr. 2016.
- FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do Discurso: reflexões introdutórias**. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. 2. ed. São Carlos: Editora Claraluz, 2008.
- FIORIN, José Luiz. **Introdução à linguística II: princípios de análise**. São Paulo: Contexto, 2005.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. NEVES, Felipe Baeta (Trad.). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- \_\_\_\_\_. **A ordem do Discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1987.
- GEZONI, Andiará Loeffler. Sexualidade feminina: aspectos culturais da repressão sexual e suas consequências. *In*: **Gênero e sexualidade**, 2011. Disponível em: <<http://www.redepsi.com.br/2011/03/26/sexualidade-feminina-aspectos-culturais-da-repressao-sexual-e-suas-consequencias/>>. Acesso em: Mai. 2016.
- GOMES, Claudete Pereira. **Tendências da semântica linguística**. Ijuí: Unijuí, 2003.
- GREGOLIN, Maria do Rosário. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos e duelos**. São Carlos: Claraluz, 2006.

GROSSI, M. P.. Enfoque de Gênero na História Social. **Revista Estudos Feministas** (UFSC. Impresso), Rio de Janeiro, v. 1, n.1, p. 215-216, 1993.

HALL, Stuart. A identidade em questão. *In: A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Editora DP & A, 2006.

IZALÚ. **Mulheres Negras**. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/yzalu/mulheres-negras.html>>. Acesso em: Abr. 2016.

MARTINS, Herivelton. **Nega Manhosa**. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/herivelto-martins/1748656/>>. Acesso em: Abr. 2016.

MIOTELLO, Valdemir. Ideologia. *In: Brait, Beth (Org.). Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005.

MULLER, Ana Lúcia de Paula; VIOTTI, Evani de Carvalho. Semântica Formal. *In: FIORIN, José Luiz (org). Introdução à lingüística II: Princípios de análise*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2008, p. 137-159.

MUSSALIM, Fernanda. Análise do discurso. *In: Linguística I*. Curitiba: IESDE Brasil S.A, 2009, p. 125-131.

POSSENTI, S. **Os limites do discurso: ensaios sobre o discurso e sujeito**. São Paulo: Pontes, 2002.

OLIVEIRA, Roberta Pires de. Semântica. *In: MUSSALIM, Fernanda, BENTES, Anna Christina (orgs.). Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001, p. 17-45.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999.

PECHÊUX, Michel. Papel da memória. *In: ACHARD, P. et al. Papel da memória* (NUNES, J. H. (Trad. e Intr.)). Campinas: Pontes, 1999.

PEDRO, Emília Ribeiro (org.). The unbearable lightness of being. *In: Discourse Analysis Proceedings of the 1st International Conference On Discourse Analysis*. Lisboa: Edições Colibri, 1997.

PEREIRA, Geraldo. **Escurinha**. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/geraldo-pereira/217049/>>. Acesso em: Abr. 2016.

RIBEIRO, Manoel Pinto. **A mulher negra e a mpb (1930-1945)**, s/d, p. 103-122. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/abf/rabf/7/103>>. Acesso em: Mai. 2016.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1976.

SILVA, S. G.. O conflito identitário: sexo e gênero na constituição das identidades. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, v. 10, n. 1, 1999, p. 70-85.

TAMBA, Irène. **A semântica**. MARCIONILO, Marcos (Trad.). São Paulo: Parábola Editorial, 2006.